Fonética do Português do Ceará

MARTINZ DE AGUIAR

GENERALIDADES

Falada em tôdas as partes do mundo, a lingua portuguesa tem entretanto como principais vivendas o Brasil e Portugal. Transportada pelos colonizadores portugueses para as terras brasileiras, onde veio experimentar a influéncia de outro meio social e físico e da descontinuïdade territorial, pôr-se em contacto com linguas analfabéticas, africanas e americanas, de estruturas completamente diferentes da sua, e ser, a final, falada por uma raça de mestiços, em que predomina o branco, mas são elementos ponderáveis o negro e o aborígine, tinha fatalmente de sofrer alterações apreciáveis, e elas se têm manifestado, especialmente no domínio da fonética, que, a par do vocabulário, constitue a feição mais forte da nossa dialetação.

O estudo dessas alterações, que é de grande importáncia para o aperfeiçoamento do estudo mesmo da fonética pròpriamente portuguesa, pois muitos casos obscuros, muitos problemas do português, se hão de aclarar e resolver à sua luz, como tenho conseguido fazer a alguns, deve ser cuidadosamente realizado pelos filólogos de cada zona linguística, a fim de que se possa obter a *média* da pronúncia portuguesa no Brasil, a qual irá servir de padrão, e de ponto de referéncia aos trabalhos posteriores, já en-

tão munidos de petrechos que falecem inteiramente aos nossos. Temos já algumas publicações notáveis acêrca do assunto. A de Amadeu Amaral, que não parece livro de amador, tal a exatidão científica que de tôda ela transluz, é de inestimável valor e, juntamente às dos Srs. Sousa da Silveira, Antenor Nascentes e Mário Marroquim, vem provar-nos, comparadas tôdas com as observações que deixo nestas páginas, tomando por base o Ceará, que há um certo número de manifestações fonéticas mais ou menos idênticas em todo o vasto território do Brasil, as quais constituïrão de certo o cabedal comum, sónico, da futura *lingua brasileira.* (1)

A fragmentação dialetal não parece tão grande como era de esperar da vastidão do território. Quanto ao norte, pelo menos, talvez não erre quem, tirando uma linha reta do Acre ao Atlántico, cortando uma ponta de terra da Bolívia, o norte do Mato-Grosso, de Goiás e da Baía, e separando do resto do País a parte dêsses estados que fica acima dela, bem como o Acre, o Amazonas, o Pará, o Maranhão, o Piauí, o Ceará, o Rio-Grande do Norte, a Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Cergipe, localize aí, nessa

---

(1) Êste estudo, que aparece agora refundido, mas com aspecto pouco diferente do anterior, foi publicado em 1922, com elementos pacientemente coligidos durante anos a fio. Trabalhavam simultàneamente o autor destas linhas, aquí no Ceará, Amadeu Amaral, em S.-Paulo, e os Srs. Sousa da Silveira e Antenor Nascentes, no Rio-de-Janeiro. Fomos, pois, os iniciadores dos estudos dialetológicos de base fonética e científica no Brasil. Mas foi Amadeu Amaral quem primeiro publicou *O Dialecto Caipira*, em 1920. Em 1921, o Sr. Sousa da Silveira estampava, na *Revista de Lingua Portuguesa* (Janeiro, II, 9), a sua admirável conferéncia *A Língua Nacional e o seu Estudo*. A final, em 1922, publicávamos, eu, o presente trabalho, incluído no meu livro *Repasse Crítico da Gramática Portuguesa*, cuja segunda edição preparo, e o Sr. Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca em 1922*. Apareceram depois outros estudos, sendo os mais notáveis *A Lingua do Nordeste*, do Sr. Mário Marroquim (1934), e *O Português do Brasil*, do Sr. Renato Mendonça (1936). Não se deve também esquecer *O Dialecto Caipira*, do Sr. Jorge Guimarães Daupiás, onde há observações de admirável rigor científico. O livro do Sr. Mário Marroquim encerra, infelizmente, alguns erros de interpretação, e talvez até de observação, e o do Sr. Renato Mendonça, além de falhas idênticas, não corresponde bem ao título, que pedia mais larga exposição da nossa linguagem. Entretanto, é de esperar que os seus autores façam desaparecer êsses defeitos nas edições futuras.

imensa região, um só dialeto. E' inegável que há diferenças entre alguns pontos. Na região do baixo Amazonas, o povo diz *canua*, *cuco*, *prua*, não com *ô*, nem pròpriamente com *u*, mas com uma vogal mais aproximada de *u* do que de *ô*, e essa pronúncia se vai aí tornando geral. No Maranhão, no Piauí, no Rio-Grande, na Paraíba, em Pernambuco e em Alagoas se diz *tecto*, como no Ceará; no Amazonas, no Pará e, menos comumente, também no Maranhão, *teto*, como em geral no sul. *Tiu*, *fiu*, *piu*, etc. (tio, fio, pio) são gerais no Amazonas e no Pará. No Piauí, profere-se o *l* lusitano; em Pernambuco e Alagoas, o *l* que vem depois de vogal passa frequentemente a *r* ou cai; no Ceará, êle passa a *u*, aquí menos, alí mais caracterizadamente. A verdade, porém, é que semelhantes diferenças se podem verificar no mesmo estado. Em considerável zona do Ceará, o *l* é proferido como no Piauí e o *r* final de sílaba, o qual é velar em tôdas as camadas sociais, passa a *i* (cóigo, coineta, péito: corgo, corneta, perto) no falar matuto de alguns municípios.

O Sr. Renato Mendonça (1) afirma que «nada caracteriza tão bem o cearense como a abertura das protônicas: *sètembro, dèzembro, tòlerar, prònome*», e ajunta que «o paulista tende a ensurdecer essas vogais: *tisora, piqueno, tabuleta, dumingo*». Há manifesto engano nessa afirmação. Não só um cearense, mas qualquer indivíduo da zona que delimitei, pronunciará *sètembro, dèzembro, tòlèrar* e *prònome*, com *o* e *e* átonos abertos, como pronunciará *sôfrêr* e *dêvêr*, com *o* e *e* átonos fechados. Apenas, ao lado de *tòlèrar*, poderá também ouvir-se *tulèrar*. Assim ocorre no Ceará, onde se diz *butar* (com *u*, e não com *ó*), ao passo que, no Maranhão, se encontra *bòtar*, embora se diga menos frequentemente do que *butar*, e é só *bòtar* o que se ouve no Piauí e na Baía. No Ceará, pronunciamos *fêchár* (fêcho); no Maranhão, *fêchár* (fêcho), a par de *fèchar* (fécho), pronúncia mais rara; nas fronteiras do Maranhão com o Piauí, e adjacéncias, *fèchar* (fêcho); na Baía, *fèchar* (fécho). Quanto a *tisôra, piqueno, tabuleta* e *dumingo*, ha-

(1) O. cit., p. 225.

vemos de distinguir dois casos. *Tisôra, piqueno* e *dumingo* é pronúncia de quase todo o Brasil, e não só de S.-Paulo. *Tabuleta* é palavra pronunciada como se escreve em todo o domínio da lingua portuguesa. Se alguém por acaso diz *tabôlêta*, comete apenas um êrro adquirido na má leitura de uma palavra erradamente escrita. De fato, grafias como *cúpola* e *taboleta* são inexplicáveis, por que não correspondem às origens e não traduzem a manifestação de um fato fonético. (1)

Com os apontamentos que tenho, colhidos da boca de alunos recém-chegados dos diversos pontos superiores à reta limitadora traçada, não me seria talvez impossível fazer uma exposição mais ou menos satisfatória da fonética daquilo a que chamarei *dialeto nortista;* mas, para mais completa exação, quero restringir-me dêsse propósito, quero abranger apenas o Ceará, onde nasci, de onde nunca me retirei, e cuja pronúncia, como já disse, há muitos anos, estudo.

Antes, porém, de entrar na exposição metódica dos fatos fonéticos, cumpre-me, para poder formular uma lei, recordar que, atualmente, as vogais pretónicas são em geral surdas no português da Península, valendo *u* o *o* e sendo caduco o *e*. Podemos entretanto afiançar, com a mais absoluta certeza, que não era essa a prosódia dos tempos da colonização. Ainda então, essas vogais soavam distintamente, embora já se tivesse manifestado o ensurdecimento, que ainda hoje não atingiu as vogais abertas resultantes da crase de hiatos anteriores, e do contacto com grupos consonantais. Encontrando no Brasil pronúncia lenta e explícita, contrastante com a pronúncia enérgica e rápida de Portugal, estavam elas asseguradas da sua clareza. Prova cabal é a conjugação dos verbos terminados em *oar* e *uar, ear* e *iar* (*sôo* e *suo, vadeio* e *vadio*). Se não houvesse diferenças fonéticas nos temas, não haveria distinções nas formas em que recaísse o acento nas vogais *o, u, e* e *i*. Só assim também se podem explicar os *oo* e *ee*, ora abertos, ora fechados, ora surdos (em

(1) Amadeu Amaral caiu no mesmo engano. O. cit., p. 24.

casos não explicáveis pela fonética local), da pronúncia nortista. O que não se pode dizer com rigor é se o timbre atual representa o antigo. Quero crer que o timbre primitivo fôsse aquele que determinasse a quantidade latina, mas o dos tempos da colonização já estivesse sujeito às variáveis contingéncias de hoje.

Depois dessas considerações, podemos enunciar, com perfeita segurança, a regra geral a que obedece a pronúncia das vogais *o* e *e*, pretónicas, da dialetação do Ceará:

AS VOGAIS TÓNICAS COMUNICAM O SEU TIMBRE ÀS VOGAIS PRETÓNICAS.

E' um fenómeno de acomodação vocálica, de assimilação, de metafonia, e vamos provar-lhe a exatidão com os exemplos mais variados:—*sècrètário, agrèssão, cècém, lèvar, navègar, èlétrico, sètembro, dèzembro, sèzão, èlègáncia, abèbèrar, bèlota, guèrrear, abèrrar, cègar, bèdel, abnègado, salèsiano, dèvendo, dèvemos, dèvèrá, dèvèrás. dèvèremos, dèvèrão; abastêcêr, êlêito, sègrêdo, guèrrêiro, rêbôco, alêgrête, dêvêr, dêvêres, dêvêrmos, dêvêrdes, dêvêrem, dêvêis, dêvêste, dêvêu, dêvêstes, dêvêram, dêvêrêi, dêvêrêis, dêvêi, dêvêsse, dêvêsses, dêvêssemos, dêvêsseis, dêvêssem; mòrgado, mòrdaça, ubarròtar, sòlidéu, sòlene, mòrdomo, nòvembro, mòrmaço, fòrmão, gòlada, abemòlar, mòrtalha, batòré, sòçòbrar, sòldado, gòstar, dòbrar, ròlar, gòlfada, hòlòcausto, encòstar, Hòlanda, dòssel, enxòtar; sôfrêr, côstêiro, môrrêr, môrdêr, dôbrêz. côlchête, môlêza, fôlguêdo, blôquêio, bôchôrno, bôlsêiro, côbrêlo, côlôsso, côcêira côchêiro, dôlôso, môdôrra, pôrquêira, côrdêiro, môlêiro, dôlôrôso, tôrnêira, dôcêiro, môlôsso.*

Essas quatro dúzias de palavras mostram bem que a regra geral é verificar-se a metafonia. As discordáncias explicam-se. *Abaêtár, abalôfâr, cèrcador, bêbarrão, abôbádo,* por exemplo, conservam o timbre das bases *bôbo, bêbêr, cèrcar, balôfo, baêta.* Êste fato melhor se verifica nos três exemplos seguintes: *ébrio—èbriático, èbriativo, èbrièdade, èbriez, èbrifestante, èbrifestivo, èbrirridente; pédra—pèdrada, pèdrado, pèdral, pèdranceira, pèdrão, pèdraria, pèdrègal, pèdrèguento, pèdrèguilho, pèdrento, pèdrinha,*

pèdrulho, empèdrar; cópo—còpão, còparrão, còpázio, còpinho, còpista, còpito, còpòfone. Às vezes, pela simples razão de se considerar uma palavra derivada de outra, embora não o seja, o falso derivado tem o timbre do falso primitivo. Está nestas condições *abêcêdário*, que é o latim *abecedarius*, mas foi reputado derivado de *abêcê*, ou dessa palavra foi aproximado. Os mesmos derivados, porém, estão sujeitos à mudança de timbre, particularmente se de algum modo se atenuou a fôrça do primitivo. Temos assim *abêlhão, abêlhinha, abêlhêira, abêlhêiro,* de *abêlha;* mas *abilhudo* (abelhudo), com influéncia do *u*, como veremos daquí a pouco. Temos *bôcão, bôcárra, bôquinha,* de *bôca;* mas *bòcal.* Em palavras como *geologia, quiroscopia, filosofia, fisiologia, acrosofia, psicologia, pantosofia,* pronunciadas com o primeiro *o* aberto (o segundo vale *u*), não se verifica a acomodação vocálica, pela consciéncia que existe de que elas são compostas, como *greco-turco, físico-químico.* Entretanto, a pronúncia não afetada é já *filuzufia*, com influéncia do *i*, como veremos daquí a pouco. Em *geografia,* deu-se uma reação da escrita contra a pronúncia, o que não é raro, como em *Deodato*, por alguns pronunciado *dèòdato.* A pronúncia portuguesa já era *giògrafia* quando o vocábulo entrou no Brasil, explicando-se assim o nosso popular *jògrafia,* em que se deu a consonantização do *i* e a sua consequente absorpção. Nós passámos a ler e pronunciar *gèògrafia,* para o que talvez tenha concorrido também o *o* com que está em contacto o *e.*

O *i* tónico, que é semi-aberto, comunica a abertura ao *e* e ao *o*, podendo o *e* ser por êle assimilado e o *o* passar a *u: còriza, Pòtí; Pèrí, Cècí; currido, curria, curriria* (ao lado de *côrrêr, côrrêrêi, còrrèrão); cicília* (Cecília), *bixiga* (bexiga), *agridir* (agredir), *midicina* (a pesar de *médico), cidilha* (cedilha).

O *u* tónico, que é igualmente semi-aberto, comunica a abertura ao *o* e ao *e*, podendo o *o* ser por êle assimilado e o *e* passar a *i: Pèrú* (também *Pêrú,* de certo por influéncia paraense), *mèlúria* (ao lado de *mêlôso* e *mêlêiro); escòrbuto, fòrtuito; muldura, pustura, buquinha (*beijo, ao lado de *bôquínha,* boca pequena), *murrinha, dumingo; pirú, sigundo.*

As vogais nasais são semi-abertas. Não temos vogais nasais fechadas senão em casos especialíssimos, devidos a influéncias rítmicas. Ainda que o timbre pareça indeciso, o que não raro se verifica, reconhecemos, pelos seus efeitos, que é aberto. Daí, *lòção, pòção, pèrdèremos* e *pèrdèrão,* iguais a *pèrdèrás* e *pèrdèrá,* juntamente com *pêrdêrêi* e *pêrdêrêis.*

Em *aculher, urelha, bulacha, sussêgo, pudêr, enxuvalhar, purtuguês, sutaque, bucado, aburrêcêr, gurgeta, murcego, cumer, muleque, sucièdade* (também *sòciedade,* por influéncia de *sócio), guvêrno, tuleima* (também *tôlêima,* com influéncia de *tôlo), bitume* (também *bètume,* por reação da escrita), *piqueno, dicifrar, girigonça, sipultar, ilugio, iducação* (a pronúncia *èlugio* e *èducação* é devida à leitura), *milhor, mimória, minino, mixiricar, niguciar, tisouro,* etc., temos de atribuir o ensurdecimento, pois que o não podemos explicar por meio da nossa fonética, ao fato de já ter vindo de Portugal.

Algumas vezes, o timbre do radical é tenazmente mantido em tôdas as formas dêle provindas, mas não pode resistir a vogal da sílaba protónica, principalmente quando se trata de bissílabos. Assim, o *e* da sílaba inicial *per,* prefixal ou não, é aberto, como em *pèrtencer,* mas diz-se *pêrdêr,* com *ê,* por causa da contiguidade da sílaba tónica; *mèlar* tem *è,* e êsse *è* mantém-se até em *mèlarei, mèlareis,* mas não resiste em *mêlêi, mêlôu, mêlêis.* Parelhamente, dizemos *abòbôrêiro,* de *abóbòra,* e *pròfêssôr,* ao lado de *pròfèssar.*

Estudámos até aquí a metafonia regressiva, determinada pela sílaba tónica. Ela pode também ser determinada pela protónica. E' o que se dá com o sufixo *êjár,* que não só mantém sempre o timbre fechado do *e,* mas até pode comunicá-lo às outras vogais pretónicas. Assim, se podemos dizer que em *côrvêjár* se manteve o *o* fechado de *corvo,* como em *espòstêjár,* o *o* aberto de *posta,* já não podemos dizer igual coisa com relação a *fêstêjár,* derivado de *fésta,* e *espôstêjár,* pronúncia que está levando aquela de vencida.

Deve-se notar ainda a metafonia progressiva,

que ora parte das sílabas iniciais para a protónica, ora da tónica para a postónica. Se em *vêrdêgar,* o primeiro *ê* pretónico fechou o segundo, que não sofreu influéncia do *a* final, em *espèrnègar,* que tem o mesmo sufixo, o segundo *e* deu o timbre ao terceiro. Em *abóbòra, távòla, pécòra, quiróptèro, épòca hóspède,* etc., a metafonia partiu da tónica para a postónica. *Trêfego,* com o segundo *e* fechado, talvez seja caso diverso, por que o sufixo átono *êgo* mantém o *ê*: *árdêgo, tráfêgo.* E é por isso que se diz *pêdrêgôso,* a pesar de *pèdrègulho,* por que se viu aí falsamente, o sufixo *êgo.*

O estudo minucioso dessa multidão de fatos leva-nos à conclusão irrefragável de que, repitamos e alarguemo-nos, na época da colonização do Brasil, a lingua portuguesa ainda não tinha perdido na Europa a clareza das vogais átonas, pretónicas ou metatónicas, que já começavam entretanto a ensurdecer.

Posta nesses termos a minha teoria, vou, para mais completa evidenciação, tratar de comprová-la na indagação de alguns fatos.

Há em português o verbo *engazupar,* que comumente pronunciamos *engazòpar.* Por que? Terá o *a* tónico influído também no *u* protónico, a ponto de abrí-lo em *o*? Não. *Engazupar* sofreu a influéncia analógica de *engazòfilar,* seu sinónimo na accepção de *prender* e termo popular tanto no Brasil como em Portugal, ou então acompanhou a conjugação dos verbos terminados em *opar,* como *topar* e *galopar.*

Já vimos que o *e* radical de *dever* está sujeito à vogal acentuada: *dêvêrêi, dèvèrás, diviria.* Como é então que se diz, sem metafonia, *dêvāmos e dêváis,* quando o *e* fechado vem até imediatamente antes do *a* aberto? Deu-se aí a fôrça analógica das outras pessoas do presente do subjuntivo, que têm tôdas o acento tónico no *e* fechado radical.

O nosso verbo *amolengar* diz-se do indivíduo que se torna *molenga,* preguiçoso, fraco ou doente, e também daquele que se amulhera. O dicionário de Cándido de Figueiredo, o mais rico e autorizado da lingua portuguesa, a pesar de todos os seus defeitos,

regista *amolgar*, *amolegar*, *molengar*, mas não menciona *amolengar*. Não o traz também o vocabulário popular do Sr. Alberto Bessa. E' portanto um brasileirismo... Consideremos o vocábulo do ponto de vista fonético. Pronuncia-se *amulengar* e, menos vezes, *amòlengar*, Assim sendo, devemos ter tirado *amòlengar* de *mole*, havendo-se dado depois o ensurdecimento do *o* pretónico. Mas qual é a lei de fonética local que explica tal ensurdecimento? Temos já elementos seguros para afirmar que nenhuma. Que fazer então? A fim de proceder de acôrdo com os princípios científicos, partiremos de *amulengar* para *amòlengar*, e, nestas condições, o que nos leva a filologia a aceitar é que a palavra se tenha formado em Portugal, ao lado de *molengar* (conf. *sentar* e *assentar*), passando para o Brasil já com o *o* ensurdecido, e aquí, ao influxo de *mole*, que se via bem ser a sua base, vindo a ter *o* aberto.

Serão aplicáveis os mesmos princípios à palavra *serviço*, pronunciada comumente *sirviço* e pela plebe *sèrviço?* O fato aquí é outro. Em *sirviço*, o primeiro *i* é normal, resulta da assimilação de um *e* pretónico a um *i* tónico. E como se prova que *i*, junto a *r* e *f*, tende a ser pronunciado *é* pelos analfabetos *(dèfamar, vèrtude)*, chegamos à conclusão de que *sèrviço* é apenas mera alteração de *sirviço*.

Expliquemos agora *bô-noite* e *bó-tarde*, expressões de uso em tôdas as camadas sociaís, e estranhas à primeira vista, por aparecer numa o nome *boa* transformado em *bó* e noutra em *bom*. O professor inexperto, de supetão consultado, assegurará que são dois erros grosseiros, até por que há uma horrível discordáncia genérica entre *bom* e *noite*... Vejamos, porém, a que conclusões nos leva um estudo calmo e refletido. *Boa*, feminino de *bom*, junto aos nomes *tarde* e *noite*, em expressões de saudação, veio a constituir com êles um só todo prosódico, um grupo rítmico, e, em vista de ser proclítico, perdeu a sílaba final, do que resultaram as formas *bô-tarde* e *bô-noite*, semelhantes às formas *San-Pedro, Monsanto* e *Val-de-Lôbos*. *Bô-tarde*, tendo como vogal tónica um *a* aberto, passou a pronunciar-se *bó-tarde*, por metafonia. Em *bô-noite*, poder-se-ia manter o *ô*

pretónico por causa do ditongo *oi* da sílaba tónica, mas, em concomitância com uma consoante nasal, nasalou-se: *bõ-noite*. Convém notar que o *bô* de que acabo de tratar nada tem com o *bô* do linguajar do povo português, o qual é masculino, está por *bom:*

—'Stá em bôa mão. *Bô* proficio—acentuou o Zé da Dorna. (Sousa Costa, «Ressurreição dos Mortos», p. 15.)

—Ah *bô!* replicou êle, corajôso. (Ib.)

—Quem é *bô* já nasce feito, e quem se quer fazer não póde. (P. 145)

—Bem haja, snra. morgada...—reforçou a Olimpia, ainda de tijela na mão.—*Bô* frango. (P 173)

.....ora trocavam com eles os *bôs* dias fraternais..... (P. 182)

—Se se é *bô*, á del-rei que é com maus fins. (P. 345)

O adjetivo *alòprado* aplica-se ao indivíduo que anda mal vestido. Como explicá-lo? Há em português o substantivo *lôrpa*, que se diz dum palerma. Ora, como palermas e lorpas é natural que andem mal vestidos, chamou-se *alôrpádo* ao sujeito pouco asseado e decente no trajar. Como são frequentes as metáteses na linguagem popular, de que é exemplo típico *quarto cecrente*, do jargão dos pescadores, por *quarto crescente, alôrpádo* veio a dar *alôprádo*, onde se perdeu com a forma a lembrança da palavra-base. *Alôprádo* teve substituído o o fechado por um aberto, por que a vogal tónica tem timbre aberto.

Pouco difere dessa a explicação de *alòpado*, que se emprega em relação ao indivíduo voraz, comilão. Sendo voraz o *lôbo*, chamou-se *alôbádo* àquele que se lhe assemelhava em assuntos de comer. *Alôbádo* passou para *alôpádo*, assim como *batota* para *patota*, e *alôpádo* transformou-se em *alòpado*.

No coloquialismo, até às vezes entre pessoas eruditas e de distinção social, aparece a usadíssima pronúncia popular *róbo, róbas, afróxo, afróxas, espóco, espócas*. O povo diz ainda *estóro, estóras*. Sabemos que o ditongo português *ou* sofreu uma sinizese, equiparando-se fonèticamente a *ô*. *Roubar*,

afrouxar, espoucar e *estourar* evolveram para *rôbár, papôcár,* etc. Assim como *bô-tarde, alôprádo* e *alôpádo* passaram a *bó-tarde, alòprado* e *alòpado,* assim também *rôbár, papôcár,* etc., passaram a *ròbar, papòcar,* etc. Refeito o tema verbal com *o* aberto, refez-se igualmente a conjugação. Alteração idéntica experimentou no seio do povo o antropónimo *Lourenço,* pronunciado *Lòrenço,* através de *Lôrenço.*

Em alguns verbos que têm o ditongo *ei* na sílaba protónica, como *inteirár, feirár, beirár,* se verifica modificação paralela à dos verbos que têm *ou.* O ditongo *ei* passa fàcilmente a *ê. Inteirar, feirar* e *beirar* pronunciam-se *intêrár, fêrár* e *bêrár.* O *a* tónico aberto abriu o *e* do infinitivo, passando-se por isso a dizer *intéro, intéras, féro, féras, béro, béras.* Com o primeiro verbo já é geral a conjugação metafónica; com os dois outros, mantém-se na esfera popular, onde não é raro ouvir *chéro, chéras* (cheirar).

A nossa plebe usa e abusa de *por'mó-de* (purmode), *pro-mó-de* (prùmode), *prõ-mó-de* e *pr'amó-de.* Logo se vê aí a locução portuguesa *por amor de,* que o povo em Portugal pronuncia *por'mor de,* como no-lo mostram às seguintes frases:

—E' *por'môr da* ceia... elucidou a Januaria, de cocoras á lareira. (Sousa Costa, «Ressurreição», 13.)

—Ouve ò Duarte... Estive hoje, vai não vai, p'ra dizer ao fidalgo que o «preguntava» amanhã *por'môr* cá *duma* coisa. (P. 99)

Como se terá dado a mudança, tão estranha e inesperada, do *o* fechado para aberto? O exame dos testos talvez nos possa guiar com alguma segurança:

—Isso de você pensar que não acha quem lhe queira, só *p'r amór de* uma desgraça que acontece p'ra Fulano e p'ra Beltrano,..... (Valdomiro Silveira, «Caboclos», p. 1.)

—Mas a resto, seu Chico, mecê desembucha ou não o seu queixume? Diz que veio aquí *p'r amór de* uns falatorios... (P. 9)

—Destes tempos p'ra cá eu ando numa esganação *pr' amór de* fruita, seja o que for! (P. 15)

—Morreu! O cachorro que lavou a mão no meu filho, quando meu filho tem pai vivo p'ra lhe dar a ensinação percisa, 'tá morto! E ainda mais *p'r amór de* que? *p'r amór de* um garróte... (P. 22)

A moda de namorar
eu ensino p'ra vancê:
vancê ponha bem sentido,
p'r amór de vancê aprender.
(P. 31)

—Eu andava na tenção de lhe pagá, mas queria mêrmo que ocê apparecesse que era *mode* eu espilicá. (Leonardo Mota, «Cantadores», p. 306.)

—Mas p'ra que diabo é que ocê qué tanta coisa?—Ô home! é *p'ra mode* se passá as escriptura... (Ib.)

Vê-se que também usam *mode* e *pr' amór-de*, sendo esta última maneira de dizer a que mais se aproxima da locução puramente portuguesa. Complica-se o problema e, para entrar-lhe na quididade, fôrça é continuemos a investigar. Entre as locuções mais popularizadas, encontramos *a modo que, a modos que:*

A condessa arrigaram-na do rio, alçapremando-a p'los cabêlos, que ia já *a modos que* afogada. (Sousa Costa, «Ressurreição», 370.)

Essa expressão transformou-se na boca da arraia-miúda em *a mode que, mode que, a mó que* e *mó que:*

—Arre, diabo! que eu *a mó que* 'tou mesmo vestida de anjo! (Valdomiro Silveira, «Caboclos», 29.)

—Aquilo p'ra cortá vara *mode* coisa *que* fez foi premessa... (Leonardo Mota, «Cantadores», 326.)

Outra dúvida é a passagem de *a modo que* para *a mode que.* Se atentarmos bem nas duas locuções *(por amor de* e *a modo que),* acompanhando-as na sua evolução, até achá-las meio identificadas em *mode (mode eu espilicá* e *mode coisa que fez foi premessa),* compreendemos que houve uma interpenetração, uma contaminação mútua, dos dois modismos, sem

dúvida por se ter formado, a par da locução prepositiva *por amor de,* a locução conjuntiva *por amor de que,* bem como *a modo de,* ao lado de *a modo que,* criações analògicamente moldadas em *a fim de* e a *fim de que, com a condição de* e *com a condição de que, a pesar de* e *a pesar de que,* etc. Então, *a modo de* e *a modo que,* influindo em *por'mô-de* e *por'mó-de que,* transformaram-nos em *por'mó-de* e *por'mó-de que.* Êste modismo, influindo por sua vez em *a modo que,* transformou-o em *a mode que.* A próclise determinou modificações posteriores: *mode, a mó que, mode que,* etc.

Por causa muito diversa, temos *amór* (com *o* aberto), na frase dos pedintes, *uma esmola pel' amór de Deus,* em que também às vezes aparece *Déus,* ora com *e* semi-aberto, ora francamente aberto, e que já expliquei cabalmente nas «Cirandas Infantís». (1) Êles fazem recair o acento enfático na palavra *esmola,* que pronunciam *esmooola,* e o *o* assim fortemente acentuado contagiou o seu timbre aberto a *amor* e *Deus.* Trata-se, pois, de um notável caso de metafonia regressiva, operada de uma palavra para outra.

Agora, é já tempo de estudar os diversos fonemas separadamente. Só tomarei em consideração aqueles que ofereçam divergéncias entre o português geral e o português usado comumente no Ceará.

VOGAIS

A

Na linguagem comum, familiar ou popular, só temos duas espécies de *a,* aberto se oral, semi-aberto se nasal. O *a* fechado existe, mas em casos especialíssimos, que considerarei ao tratar do ritmo. Na fala natural, a pronúncia da preposição *para* e da pessoa verbal *para* é perfeitamente igual.

---

(1) Separata da «Rev. do Inst. do Ceará», ano XLVI; p. 12.

Passa fàcilmente a *e* no seio do povo: *Reimundo, treição, escandeloso, colerinho, esgarguelar, hé* (por *há*). Essa permuta pode-se em muitos casos explicar por assimilação, dissimilação, analogia, etc.; mas noutros só encontra uma explicação, que os filólogos obstinadamente não têm querido ver, mas que nem por isso deixa de ser absolutamente certa: no português, geral ou dialetal, há uma verdadeira simpatia entre *a* e *e*, tónicos ou átonos, orais ou nasais, de modo que é fácil a passagem do primeiro ao segundo e mais fácil ainda a do segundo ao primeiro. Não se deve esquecer que, no Minho, *mas* é igual a *mæs*, como o inglês *bad*, e que, no Algarve, antes de uma consoante, o *e* passa igualmente a *æ* (*fæsta; pé*, mas *pæs*), e se pronuncia *træs* (três) no Alentejo. O Dr. Leite de Vasconcelos, que nos ensina isso, ensina-nos ainda (1) que o *a* tónico se torna *e* em considerável território da Beira-Baixa e do Alto-Alentejo (*gieda, quema, crivér*), fenómeno que se observa, antes de *m* e *n*, em Ferreira-d'Aves (Beira-Alta), como em *remo* e *peno* (*ramo* e *pano*), bem como que *ã* inicial tem tendéncia para se tornar *en* no Algarve (*entigamente, endar*).

Passa a *o* em *corenta, contia, coresma*. Deu-se aí a assimilação do *a* ao *u* da sílaba inicial *qua* (*quarenta, quantia, quaresma*) e, depois, a absorpção do *u*.

Dá *i* em *Jinuaro* e *jinela*, populares.

Em *tombém* ou *tomém*, que, ao lado de *também*, se ouve entre os matutos, foi assimilado pelo *b* e pelo *m*.

Enquanto, no português geral, antes de *x* há ditongação de *a* (*graixa, faixa, baixo*), entre nós o *i* desaparece, ainda que etimológico (*baxo, faxa, graxa, caxa, paxão*).

Nasal final, perde a nasalidade no falar da plebe: *ima, orfa*.

Como em todo o domínio da lingua portuguesa, alarga-se num ditongo em *sãigue*, por *sangue*. E' o

---

(1) «Esquisse d'une Dialectologie Portugaise», p. 88 e 98.

caso de *cãibra*, por *cambra*, e do lusitanismo *tãique*, por *tanque*.

O encontro de dois *aa* produz muitas vezes a iotização no linguajar plebeu. *A-i-agua*, por *a agua*, é comuníssimo entre os aguadeiros.

Au tende a transformar-se em *ó* na boca dos rústicos: *Piòí*.

Ão final átono passa a *o: orfo, orgo, amaro, foro, passearo*. Nos verbos, também se profere *um: amarum, forum, passearum*. Mas quer umas quer outras modalidades existem sòmente no meio do povo.

E

Oral inicíal, como parte de sílabas cobertas por *l* e *r*, das sílabas inicíais *re, de, per* e *pre*, é em geral aberto, resistindo à metafonia: *èlísio, abèlmosco, rèdizer, dèfender, pèrfazer, prèdizer*. Diz-se, porém, *mêrcê* (menos geralmente, *mèrcê*), *pêrdêr, rêtêr, dêfêsa*, por que a vogal protónica não pôde fugir à influéncia da vogal tónica.

Medial, entre os roceiros, passa fàcilmente a *a*, bem como no próprio português geral; mas, caso notável, resiste firmemente antes das palatais: *alamão, papaconha* (por *ipepaconha*, que é no Ceará a denominação mais comum e desafetada da planta medicinal conhecida entre os eruditos por *ipecacuanha*), *libaral, rasvalar;* mas *tenho, vejo, espelho, porém*.

Seguido de vogal, vale *i* (*tiar, amiaça, tior*); mas tende a pronunciar-se claramente em alguns casos (*idèal, aldêota*).

E átono tem o som de *i* (*minino istrondo, zinebra, piqueno*), quando escapa à metafonia. Nos monossílabos átonos, antes de vogal, é um *i* atenuado que se aproxima do som lusitano e soa antes entre *e* e *i*, passando, porém, às vezes, a um iê bem caracterizado (que represento por *y*): *deu-me o livro* é igual a *dêu-my-u-lívru; isto é de António* (*de*, com *e* entre *e* e *i*); antes de consoante, vale em geral *i*, mas às vezes é também reduzido: *hei de falar*. Só

desaparece em expressões fixadas, como *d'agua* (*copo d'agua, jarra d'agua*), *d'egua* (*pai-d'egua*).

Final, passa também algumas vezes a *a* (*pelha*, por *pele*) no dialeto popular.

Inicial nasal, ou dá *i*, como no português geral, ou ditonga-se: *intender* ou *eitender* (com o ditongo nasal), *inforcar* ou *eiforcar* (com o ditongo nasal). Mas *entrar* é geral, e a plebe diz *antão* e *Hanrique*. A pronúncia com *i* nasal tende a fixar-se na linguagem do povo, e com o ditongo nasal nas classes mais elevadas.

Final nasal ditongado, sofre redução a vogal no dialeto popular: *bobage, home, image, babuge, vertige*.

O ditongo *ei* persiste quando seguido de vogal, na sílaba predominante dos oxítonos e antes de *d, g, m, n, t, v* e *z*, e monotonga-se nos outros casos: *passeio, correio, rei, lei, caleidoscópio, peido, meigo, leigo, teima, reimoso, reino, treino, leito, feito, eiva, leiva, meizinha, reisada; bêjo, lêcênço, quêjo, lêlão, pêxe, perêra*. Entretanto, o comum é *mantêga* e *Alméda*. Final, em palavras barítonas, reduz-se a *e* átono: *amaves, vendaves, voluves*. Isto, porém, só entre os analfabetos. Antes de *r*, em sílaba pretónica, tende a dar *é: quèra-Deus!, chiquèrador* (por *chiqueirador*, primitivamente o instrumento com que se *chiqueiram* os animais), *Lèria, bèrada. Quéra-Deus!* não é senão, como se vê imediatamente, *queira Deus!*, expressão interjectiva que se manteve pura como optativa e se alterou como dubitativa. Não se pense que é um caso de dissimilação morfológica ou semántica. Não. E' um caso puramente fonético, de intonação. Quando se quer expressar o desejo, acentua-se mais fortemente a sílaba tónica de *queira*, que, por isso, fica inalterável; no caso da dúvida, já o verbo não mantém o seu valor significativo próprio, torna-se por isso meramente proclítico, e como palavra proclítica é tratado. O apelido *Figueiredo* passou a *Figuêrêdo* e não a *Figuèredo*, por causa do *e* tónico fechado, que vem imediatamente após o ditongo.

O ditongo *eu* inicial tende a ser proferido *ô* pelos rústicos: *Oropa* (Europa), *Olaia* (Eulália), *Orico* (Eurico).

I

O nosso *i* é semi-aberto e o seu tanto dental. Requere, ao pronunciar-se, que a lingua acompanhe a curva palatina e vá apoiar a ponta na parte posterior dos incisivos inferiores, concomitante isso com uma leve retração dos cantos da boca. Lembra o *u* francês, conquanto se didiference dêle nìtidamente. Há dissemelhança manifesta entre o *i* pronunciado por um cearense e, por exemplo, por um alagoano ou cergipano.

Como elemento de ditongo, mantém-se vogal, não se consonantiza absolutamente; é, porém, mais atenuado que noutra posição, e produz, como em Portugal, um iê claramente emitido, se depois vem uma vogal: *veio* (vei-io) *maior* (mai-ior), *saia* (sai-ia).

Final de pessoas verbais, alarga-se: *partíi, fugíi, corríi.*

Final seguido de *l*, tende a mudar-se em *e* aberto atenuado, no coloquialismo: *fácèl, difícèl.* E' o caso do sufixo *vel: amávèl.*

Medial precedido de *l*, tende a formar com êle a fonema *lh*, como tende a formar com *n* o fonema *nh*, se de *n* é precedido: *mobilha, familha, Antonho, Estefanha.*

Inicial seguido de *d* ou *l*, tende a nasalizar-se entre os rústicos: *indiota, indade, inleição, inlustre.*

Inicial nasal, passa às vezes a *em: enveja* (pronuncie-se *eiveja*, com o ditongo nasal). E, entre os rústicos, pode cair: *mundiça* ou *mundice* é para êles o conjunto de pessoas acanalhadas ou de bichos imundos ou nocivos. Em Portugal, segundo Cándido de Figueiredo, a palavra significa *porcos, ovelhas* ou *cabras* e aparece na vasta obra camiliana.

Os matutos tendem a pronunciar *é*, antes de *f* e *r: dètamar, dèfèrença, cèrconstança, vèrtude.* Também *dèploma* e *prenmêro.*

Como elemento de hiato, mantém-se vogal, só se consonantizando na rapidez da linguagem emotiva: *pi-e-da-de. qui-e-to, di-a-bo.* Emotivamente, sobretudo na linguagem denotadora de raiva: *dya-bo, quye-to, pye-da-de.*

O *i* átono chega às vezes a passar ao *e* reduzido dos monossílabos átonos, podendo até cair: *expermentar; combinação* > *combenação* > *comenação* > *com'nação.*

O

Inicial, em sílaba coberta por *r*, nos prefixos *ob* e *co* e na sílaba inicial *pro*, prefixal ou não, é geralmente aberto, resistindo à metafonia: *òbedecer, còrdilheira, òbsoleto, còparticipar, pròteger, pròtagonista.*

Em algumas palavras é proferido *um* pelos analfabetos: *cunzinha, gunverno.*

Em *sujigar* e em *premessa* houve, no primeiro, dissimilação e, no segundo, assimilação: *u* + *u* = *u, i; o* + *e* = *e, e.*

Final, não raro passa para *e*: *pife* (pífaro), *fofe (fósforo*). Conquanto só se verifique essa permuta nas classes baixas, entretanto *pife* é também familiar. Como terminação da terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *vir*, mantém-se quando em pausa ou insulada a forma verbal (bem como em pronúncia esmerada), mas tende a cair nos outros casos: *veio, já veio; vei ontem, vei tarde.* Os rústicos estendem essa tendência a todos os *oo* finais precedidos de ditongo: *dê-me o ferroi* (ferrolho), *o ferroi está aí; o möi* (molho), *o mói de lenha, mei-dia:*

Como *ferrôi* por janella (Leonardo Mota, «Cantadores», 16.)

Como *piôi* por cabeça (Ib.)

Um môço *vei* me falá (P. 24)

Negro criado em *mei* de desgraça (P. 39)

O Alfére *véi* não correu (P 43)

E' o caso do lusitano *Ri-Maior, mê-dia, Pai-Pires*

Nasal final, mantém-se. Não há, por exemplo, a pronúncia *bão* de algumas zonas do Brasil e de Portugal. Mas é muito comum pronunciar-se *dão*, que chega até a aparecer escrito:

Na rua do Imperador, no quarteirão entre as ruas São Bernardo e *Dão* Pedro..... («Correio do Ceará», 20 de Junho de 1919.)

Na preposição *com* seguida de vogal, reduz-se o *o* nasal a um *o* fechado brevíssimo: *cô-o, cô-êle.* No falar do povo, desaparece inteiramente ao juntar-se com os artigos: *vou co filho dêle, ca mulher, cum menino, cua (u* nasal) *moça.* Medial nasal átono, o dialeto rústico tende a transformá-lo em *um: cumpade, amunta(r), cunversa(r), acumpãia(r) (acompanhar).*

O ditongo *ou* monotonga-se, salvo em casos especialíssimos, de que tratarei ao falar do ritmo. Como modalidade de *ou,* aparece *oi* em *oito, oiteiro, oitão, noite, moita, afoito, foice, açoite, doido, biscoito, dois, coito, coisa, coice, coitado* e nos cognatos. Diz-se entretanto *Outubro.* O povo diz *loiça, Oitubro, poiso, Soisa.* Os casos de indecisão mais notáveis que conheço são os de *toicinho,* que luta com *toucinho,* sendo ambos de largo uso, e do plebeismo paulista *coiração,* ao lado de *côração.* As vogais nasais, mais ou menos abertas, que há em algumas zonas de Portugal, são comuns no Brasil, principalmente no norte, onde predominam. Daí, *còração* (por metafonia) no Ceará e *côração* em S.-Paulo. Como *zopo* e *zopeiro,* que, analògicamente, evolveram para *zoupo* e *zoupeiro, côração,* tratado como se fôsse *couração,* passou a *coiração:*

Gyro a minha vida sem peso nem um no *coiração* (Valdomiro Silveira, «Caboclos», 9.)

Aquilo é que foi um home de *coiração!* (P. 34)

U

E' a vogal que menor número de diferenças oferece no português do Ceará e mesmo do Brasil.

E' semi-aberto, como o *i,* e, como o *i,* mantém-se invariàvelmente vocálico quando elemento de ditongo, posição em que é mais atenuado do que em qualquer outra.

Mantém-se ainda vogal como elemento de hiato,

podendo consonantizar-se na rapidez da linguagem emotiva, sobretudo se denota cólera: *pu-e-ta* (poeta), *o-ssu-á-ri-o, su-í-no.* Emotivamente, *pwe-ta, o-sswá-ri-o, swi-no.* Entretanto, a pronúncia de tôdas as classes sociais e *jwa-quim* (Joaquim), com um uê bem nítido, como em *quadro, quando.*

Passa às vezes a *i*, quando inicial nasal: *imbigo, inguento, Imbelina.* E' uma alteração do dialeto popular, mas não é difícil ouvir *imbigo* a quem fale o dialeto culto.

Nasal medial, passa às vezes a *on: fonção.*

O ditongo *ui* átono não é normal em português; daí, dizer-se *Goiana,* por *Guiana.*

CONSOANTES

J

Na linguagem infantil e dos rústicos, transforma-se, antes de vogal palatal, na consoante faucal que emitimos ao rir (*ha-ha-ha*), embora um pouco mais atenuada: *hente* (gente), *hiro* (giro). Às vezes, essa transmutação alcança até palavras em que figuram as outras vogais: *hanela* (janela), *hogar* (jogar), *humento* (jumento).

Essa faucal lembra o nosso *r,* velar, e por isso é representada por *r* por pessoas pouco letradas. Não pequeno número de alunas, algumas bem inteligentes e aplicadas, me deu assim escrita a quadra de uma ciranda em que se imita uma gargalhada:

Rá rá rai, rá rá rai, rai!
Rá rá rai, rá rá rai, rai!
Esta rôsca que aquí está
há de ser comida já. (1)

Medial, pode passar a *z: Brízida.*

---

(1) «Cirandas Infantís», «Revista do Inst. do Ceará», XLVIII; p. 264.

L

Esta consoante é ligeiramente palatalizada quando em contacto com vogal palatal. Por isso, passa fàcilmente a *lh,* como em *pelhe* e *pelha*, por *pele*, e *mobilhar*, que os eruditos por incompreensão escrevem *mobiliar*, como se derivasse de *mobília* e quando é apenas natural alteração de *mobilar*, o que se prova por mostrar que o presente do indicativo é *mobilho* e não *mobilío.* O português geral apresenta modificação idéntica em várias palavras: *camomilha, esmerilhar, pelhanca, desencarrilhar, apostilha, tremelhicar, gorilha, balha* (ant.) e até *gorgolhar.*

Depois de vogal, conserva a sua qualidade de pingue em algumas regiões do Estado, tomando às vezes, na linguagem do povo, uma vogal de apoio: *Silivestre, Silivério, dificulidade, malo* (mal), *qualo* (qual). Note-se que a vogal parasítica é atenuada e que o *l* lusitano de pausa também se apoia em vogal. Todavia, o seu valor mais comum é entre nós o de *u*, ora mais, ora menos caracterizado. Pronunciamos *capitau, caracóu, bacharéu, funiu* e até *paúu.* O mesmo se deu em latim. Diocleciano — é citação clássica—escreveu *cauculus*, por *calculus.* E, em francês, *paume* e *autre* provêm de *palma* e *alter*, como, em português, *outeiro,* de *altarium,* e *souto,* de *saltum.* Lusitanos incultos escrevem *caução*, por *calção.* (1) Não já no período de transformação, mas no de plena florescéncia, encontram-se em português palavras em que ocorrem, ao lado um do outro, *l* e *u*, em alguns casos pela proximidade entre êles existente: *alacral* e *lacrau, esquimal* e *esquimau, lebrel* e *lebréu, vergel* e *virgéu* (ant.), *pardal* e *pardau, pincel* e *pincéu* (ant.), *alvanel* e *alvanéu, peralta* e *perauta* (prov. lusitano).

No dialeto popular, é absorvido em *Carlos*, pronunciado *Carro.*

No mesmo dialeto, passa a *r* em *descurpar, landra* (glándula), *craro, forguedo* e *cramar.* Essa permuta não é normal no Ceará. Em *craro, landra* e

(1) Gonçalves Viana, «Ortografia Nacional», p. 33 e 34.

cramar, explica-se perfeitamente: *cl, dl=cr, dr.* Mas, em *descurpar, forguedo,* quero crer que é a penetração de um pernanbucanismo. Em Pernambuco e Alagoas é que é normal a passagem de *l* a *r*. O português geral oferece o exemplo de vocábulos em que existem as duas consoantes: *alquicel* e *alquicer, paguel* e *paguer, alvenel* e *alvener, pintassilgo* e *pintassirgo.* Nessas palavras, porém, o *r* há de ter precedido ao *l*, como em *crister* (ao lado de *clister)* e *cristel, aluguer* e *aluguel, patamar* e *patamal* (prov. lusit.). A formação de *pintassirgo* é indubitàvelmente o substantivo *pinta* e o adjetivo *sirga,* que passou a *sirgo* arrastado pela idea do masculino.

Lh

Conserva-se antes de *a, o* e *u,* mas é um *l* ligeiramente palatalizado (é êrro gravíssimo confundir *l* palatalizado e *lh,* como fazem alguns) antes de *e* e *i* surdos, pela quase impossibilidade que temos de emití-lo em tais circunstâncias. O pronome *lhe,* por exemplo, é proferido *le: dou-le o livro.*

Os rústicos suprimem-no depois de *i* e vocalizam-no em *i* depois das outras vogais: *mio* (milho), *paia* (palha), *véia* (velha), *foia* (folha), *tuia* (tulha). Êles dizem entretanto *piléria* e *aleio,* com *l* palatalizado. Há em Portugal o provincianismo *moleia,* por *molhelha,* que se pode explicar por dissimilação.

M

Nasaliza a vogal anterior não ditongada: *mãmãe, cãma, lenma, fizenmos, prinmo, cinmo, cõmício, nõmar, lunme, runmar;* mas *andáime, Jáime.* Já se diz, a pesar disso, *Bãima.*

Não repugna ao povo o ditongo consonantal *mr: mar-mre, nu-mro.*

Não pronunciamos absolutamente um *m* em *campo* e *cámbio.* Essas palavras estariam muito bem escritas com *n,* se não fôsse o *m* de uso geral A consoante nasal é meramente ortoépica, serve apenas

para mostrar a nasalidade da vogal anterior, não traduz um fonema. Que há som intermediário entre *cam* e *po* ou *bio* é incontestável; mas não se caracteriza de tal maneira, que seja preciso notá-lo gràficamente. Quem escreverá o som intermediário que existe entre a sílaba inicial de *capão* e *cabo* e a sílaba final? Estou capacitado de que êsse *m* não existe no Brasil, nem mesmo em Portugal. E' fácil verificá-lo, pondo *campo*, por exemplo, ao lado do inglês *camp*. Que diferença de pronúucia! No Ceará, temos um tira-teima de primeira ordem. E' a expressão *vam'bora* ou *vambora*, do povo, por *vamos embora*. A prosódia da primeira variante, em que há *mb*, é muito diferente da segunda, em que há apenas *b*, antecedido de vogal nasal.

N

Nasaliza a vogal anterior não ditongada: *pãnificár, lãma, sennectude, tennente, minna, pinno, mõnástico, consõnantál. punnir, funnil;* mas *sotáina, sàinete.* Já se diz, a pesar disso, *poláina* ou *polãina, comezáina* ou *comezãina, amàinar* ou *amãinar;* e, se se trata de um *i* precedido de *l*, só o nasaliza se êle for tónico: *linno,* mas *lìnear, lìnótipo.*

Inicial, passa algumas vezes a *l: lebrina* (ou *librina*), a par de *neblina*, e *liforme*, ao lado de *uniforme*, de certo através de *niforme*, são gerais. Casos idénticos a *lembrar* por *membrar* (lat. *memorare*), através de *nembrar*, e *licorne,* a par de *unicorne*, através certamente de *nicorne.* Em francês há também *licorne,* como há, popularmente, *luméro,* por *numéro.* (1)

Final proferido, desaparece depois de ditongar o *e* e nasalar as outras vogais: *regimem, hífem, abdomem; cãnõ* (cánon), *léxicõ* (léxicon), *Benjamim, Fránclim.*

Quanto ao agma, isto é, o pretenso *n* de *áncora* e *angústia,* faço, «mutatis mutandis», as mesmas afir-

(1)—Georges Gougenheim, «La Langue Populaire dans le premier quart du XIXe. siècle», p. 58; «Les Belles Lettres», Paris, 1929.

mações e observações que fiz em relação ao *m* de *campo* e *cámbio*.

Nh

Nasaliza sempre a vogal anterior não ditongada: *apãnhár, punnho, põnho, limnho, tennho*. Por isso é que algumas palavras, como *embaĩnhar, desembaĩnhar, redemoínho (oi-uí)*, que tiveram primeiro a ditongação do hiato e depois a sinizese do ditongo, passaram a ter nasalada a vogal que vem antes do *nh: embãnhár, desembãnhár, redemunnho*. Só a pronúncia esmerada fere o ditongo. E' modificação igual ao dialetismo lusitano *munho*, por *moínho*, e semelhante ao popularismo brasileiro e lusitano *rue* (*u* nasal), por *ruim*, palavra que tem mais a forma popular *rõe* em certos pontos de Portugal e *rwim* no Ceará.

Mantendo-se em pronúncia esmerada, vocaliza-se *(i)* na linguagem desafetada, formando ditongo com a vogal anterior, se não é *i: apãiár, põio, puio* (*u* nasal), *teio* (*e* nasal). Cai depois de *i: tia, lia, mia* (*i* nasal). E' um verdadeiro retrocesso às formas primitivas: *teneo* > *teio* (*e* nasal) > *tenho* > *teio* (*e* nasal). Mais ou menos o mesmo se dá na passagem para linguas que não têm o som *nh*, como o demonstra o *yam* inglês, se é que de fato procede do português *inhame*.

R

O *r* forte cearense é uma consoante velar que se articula com o tronco da lingua aproximado do palato mole. Assemelha-se muitíssimo ao *j* castelhano, com o qual será sem a menor dúvida confundido por estrangeiro que o não tenha na sua lingua pátria, mas do qual em verdade se distingue, por que é uma das muitas modalidades perfeitamente caracterizadas do *r*.

Final de sílaba, é em geral forte (represento-o por *R*), mas é brando (represento-o por *r*), como no português geral, antes de *q*, *g* e *p: paRdal*; mas

arco, carga, harpa. Antes de *f, m* e *v*, ouvem-se as duas pronúncias: *aRfar* e *arfar, aRmar* e *armar, áRvore* e *árvore.* Entretanto, há tendéncia geral para proferí-lo sempre forte quando elemento de sílaba tónica.

Final de palavra, não é pronunciado pelo povo. As mesmas pessoas cultas nem sempre costumam emití-lo e, quando se querem esmerar, carregam nele de tal maneira, que o tornam áspero ao ouvido do próprio cearense. O fenómeno do desaparecimento é também, de modo mais restrito, verificado em Portugal, onde se sabe que, na linguagem corrente, desaparece fàcilmente o *r* que vem antes da consoante inicial da palavra seguinte: *trabalhá todo o dia, comprá caro, se não fô muito tarde.*

Na linguagem do povo, é móvel nas sílabas iniciais *per* e *pre.* Daí, *perciso,* e *preguntar*, que oferece outras variedades: *priguntar, pròguntar* e *pruguntar.*

O povo dissimilou-o na palavra *Bernardo,* que pronuncia *Bernado.*

Tornando-se elemento de sílaba postónica, pela queda da vogal anterior, o que se verifica nas classes incultas, que quase não conhecem proparoxítonos, ora cai, ora persiste, chegando até a constituir ditongos de emissão dificílima: *Alvro; arvre, marmre, numro, passro; fofe, pife.* Estas últimas formas não são estranhas à lingua de Portugal, onde é popular *fofe* e onde Filinto Elísio usou *pifre.* O nosso *pife* é, como já disse, também da linguagem corrente. Nas palavras em que se mantém ditongado, o *r* cai, se elas sofrem a flexão gradativa: *Alvinho, arvão, arvinha, passão, passinho.*

Final ditongado, em sílaba postónica, seguido de vogal, está, como em Portugal, sujeito a cair. Nem de outro modo nos é possível explicar o usadíssimo verbo *almiscar*, que significa *exalar mau cheiro.* De *almiscre* (forma concorrente com *almíscar*, como *almogávar* e *almogavre, lácar* e *lacre, ámbar* e *ambre, aljôfar* e *aljôfre*), nome de certa substáncia e de uma planta aromáticas, fizemos *almisque* (conf. *almocávar* e *almocave*, por *almocavre*), donde fácil nos foi derivar *almiscar.*

Todos pronunciamos *própio*, como em castelhano, e ninguém dirá *próprio*, a não ser em pronúncia esmerada; mas neste caso deve ter ocorrido uma dissimilação: *pr* + *pr* = *pr* + *p*.

Contràriamente, a pesar de se chamar *boneca* à figura de trapo, diz-se *bonecra* e *bonecrar* em referência ao milho que espiga e às espigas mesmas. Os lusos têm *bonecro*, *bonecra* e *bonecragem*.

Passa excepcionalmente a *l* em *aplumar*. Em relação a *galça*, no preceito popular segundo o qual é ótimo o cavalo que tem *cabeça de pato*, *ôlho de galgo*, *pescoço de galça*, houve uma influência de *galgo* em *garça*. (1)

S

Final de palavra ou em ligação, é sempre igual a um *z*, atenuado no primeiro caso: *uz* (os), *ráruz* (raros), *cásaz*, *uz õmenz* (os homens), *tranz-ître* (transitar), *eiz-emplo* (exemplo).

Final de sílaba, seguido de consoante, é em geral um fonema surdo, se a consoante é surda, e sonoro, se sonora. Assim, antes de *f*, *q* e *p*, equivale a um *ç* atenuado *(blaçfémia, caçco, cuçpir)* e, antes de *t*, a um *x* atenuado *(buxto)*; mas, antes de *b*, *g*, *m* e *v*, equivale a um *z* atenuado *(lézbio, engazgar, êzmo, rezvalar)* e, antes de *d*, *l*, *lh* e *n*, a um *j* atenuado *(dejde, brojlar, aj-lhamas, grajnar)*. De modo e maneira que o *s* reverso do português europeu sòmente antes de apical não fricativa aparece entre nós, sem vacilações nem excepções: *dejdar, dejlocar, tijnar; êxte, coxta, toxtão*. E' absorvido antes das apicais e palatais fricativas e da reversa vibrante, isto é, antes de *ç*, *z*, *x*, *j* e *r*: *a-sortes, a-zangas, a-chaves, o-judeus, o-ratos*. A par da absorpção, ocorre também a vocalização do *s*: *ai-sortes ai-zangas, ai-chaves, ui-judeus* (*ui*=*os*), *ui-ratos*. E' esta a única pronúncia no seio do povo, que assim marca o plural: *ai-chave, ui-judeu*. Se se afrouxa o laço

---

(1) «Os Sinais de Galvão», «Rev. do Inst. do Ceará», ano XLVIII, p. 29 e 31.

fonético existente entre o artigo e o nome, isto é, se o *s* deixa de estar em contacto mais íntimo com a consoante seguinte, sem entretanto escapar-lhe de todo à influéncia, vale *ç* antes de surda e *z* antes de sonora: *as fitas, os queijos, os pianos, os túmulos, os sonhos, os xaropes; oz bancos, oz dedos, oz veados, az zêbras, oz jambos, az lhamas, oz rombos, az ladeiras, oz ninhos, az mães, oz gados.*

No dialeto popular, passa fàcilmente a *r* antes de *d*, e consoante nasal: *ur-dia* (os dias), *ur-dedo* (os dedos), *mermo* (mesmo), *ar-manga* (as mangas), *derde* (desde), *ur-nome* (os nomes). A par do plebeismo *derde*, há *derna*, termo da seguinte série de transformações: *desde* ≻ *desne* ≻ *derne* ≻ *derna.*

E' assimilado em *xexo* e *destrinxar*, por *seixo* (pronunciado *sêxo*) e *destrinçar*, êste último até do dialeto culto. Igualmente, em referéncia à pequena bomba de borracha, mas não ao leite da «hevea brasiliensis», é difícil ouvir *seringa*, em vez de *xeringa*, a pessoas do povo. *Xeringa* é mesmo familiar. Esta assimilação dá-se também no português da Península, que conhece *pintaxilgo*, ao lado de *pintassilgo*, e *roxecré*, ao lado de *rosicré.*

E' ainda assimilado em *subsistir* e *obséquio*, pronunciados *subzistir* e *obzéquio.*

Final de palavra, precedido de vogal tónica, se não é expoente do plural, alarga-a num ditongo: *ananais, gurupéis, franceis, aníis, cadóis, purúis, éis* (ao lado de *és*, verbo *ser*), *púis* e *pois* (pretérito do verbo *pôr*). Se o plural é monossílabo, já se vai manifestando tendéncia para alargar-lhe também a vogal: *péis.* Êste fato lembra o piemontês, onde é até mais extensivo: *'l giôrnal turineis; la vita turineisa, piemônteisa.*

Final de palavra, expoente ou não do plural, desaparece no dialeto popular: *o alfere, o ourive, os livro, as ave.*

Medial, no dialeto rústico, passa às vezes a *j* antes de vogal (*quaje*); cai antes de *c* (*decer, nacer*).

Familiarmente, é de uso dilatado o verbo *reduzir* com a significação de *seduzir: êle me reduziu, arrastando-me à luta, e fugiu logo depois.* Não me

parece se trate de rotização, mas de um fato de contaminação semântica. Sabemos que *seduzir* significa, «inter alia», *desviar do bom caminho, fazer cair em êrro, enganar ardilosamente, atrair, fascinar, dominar a vontade de alguém,* e *reduzir—proporcionar má situação a alguém, subjugar, sujeitar, converter, transformar, diminuir.* Ora, desviar alguém do bom caminho é proporcionar-lhe má situação; atraí-lo, dominar-lhe a vontade, é subjugá-lo, é sujeitá-lo, é diminuí-lo. Daí, muito naturalmente, a substituição de *seduzir* por *reduzir,* facilitada pela semelhança morfológica.

V

Transforma-se, no dialeto rústico e no infantil, na mesma faucal em que se transmuta o *j* que vem antes de palatal: *estaha* (estava), *ahia* (havia), *hamo* (vamos). *Cavalo* passa a *cahalo,* e até a *chalo!* (com o *c,* duro, seguido imediatamente da faucal) e *halo!.* Por isso é que alguns autores escrevem *ocê, caalo* e *calo,* quando querem traduzir a linguagem popular. A faucal é às vezes tão reduzida, que só um ouvido experimentado pode apreendê-la.

Pode, entre o povo, permutar com *b: barrer, berruga; gavar, desenxavido.*

Z

Final de vocábulo oxítono, pronuncia-se atenuadamente e determina o alargamento da vogal anterior num ditongo: *fais* (faz), *déis* (dez), *peis* (pez), *gíis* (giz), *arrois* (arroz), *luis* (luz).

Antes de vogal palatal, também pode passar à faucal característica do riso, na linguagem da criança e do povo: *fahê* (fazer), *fahia* (fazia), *fahenda* (fazenda). Daí, ser muito comum ouvir *ma-h-eu, ma-h-é isso,* por *mas eu, mas é isso.* O *s* final, que se liga como *z* à palavra seguinte, começada por palatal, passa a *h.* Portanto, três consoantes portuguesas tendem a unificar-se na faucal *h,* na linguagem

popular e infantil: o *j*, o *v* e o *z*. Notemos que a pronúncia *mah* (+ vogal palatal) aparece mesmo na fala descuidada das pessoas cultas.

ACIDENTES

Muitos dos fatos apontados anteriormente acompanham apenas as tendéncias históricas do português. Uns são arcaísmos que persistem, outros são devidos a um paralelismo de evolução manifestado numa e noutra vivenda. Mas um número considerável dêles apresenta-se inteiramente livre e irá fazer parte do acêrvo fonético do futuro *brasileiro*, cuja constituição não há esfôrço humano capaz de deter, demorar ou apressar. Apenas, a instrução, disseminando-se por povoados, sítios e fazendas, atingindo pobres e ricos, mestiços e brancos, trabalhadores e proprietários, acepilhará certas asperezas, que não são devidas pròpriamente à evolução, natural, porém à má percepção auditiva, à má faculdade de articulação, à inércia mental, a tendéncias individuais, a vícios da infáncia, o que não lhes impede a vulgarização e até perpetuação, se desta palavra posso usar em assunto tão pouco firme e tão variável.

Outros fatos têm de ser estudados separadamente, como os fatos isolados de qualquer lingua.

Se, por exemplo, pronunciamos *fastar*, por *afastar*, fomos levados a isso por outros verbos que apresentam formas com *a* inicial e sem êle: *voar* e *avoar*, *sentar* e *assentar*, *vexar* e *avexar*, *levantar* e *alevantar*, *chegar* e *achegar*, etc. Assim também, o povo diz *apois* e *adespois*, à semelhança de *ainda* e *até*, a par de *inda* e *té*.

Se dizemos *gosmético*, ao lado de *cosmético*, e *engorujado*, por *encorujado* (de *coruja*), aplicado ao galináceo que, doente, baixa as asas e entristece, assumindo aspecto da ave de rapina, fazemos apenas o que já se havia feito, em todo o domínio da lingua portuguesa, com *castão* e *encastoar*, pronunciados *gastão* e *engastoar*.

Se a nossa plebe pronuncia *inguinorar*, *ansim*,

inzemplo (ignorar, assim, exemplo), deixa bem transparecer a influéncia que sôbre as sílabas iniciais, orais, exerceram as seguintes, nasais. *Inguinorar* e *inzemplo* podem ser ainda atribuídos a uma extensão do fenómeno que nasaliza *i* inicial antes de *d* e *l*, já estudado.

E' à influéncia do *s* anterior que se devem pessoas verbais como *fôsse, viesse, amasse*, até familiares, por *foste, vieste, amaste,* que são exemplos de alteração igual à de *nosso: nostru* > *nosto* > > *nosso.*

Se dizemos *cajacudo* (de *casaco*), sinónimo de *engorujado*, fizemos o mesmo que em Portugal fizeram em relação a *artesano*, que evolveu para *artejano,* empregado por Vieira.

Se dizemos *pipocar* e *papocar*, devemo-lo às variedades que o tupí apresenta no vastíssimo território nacional. Várias palavras brasileiras de origem tupínica oferecem um número notável de alótropos, todos em uso conforme as localidades. *Curimatã* (dêmos um exemplo) é o nome que se dá, no Ceará, a um excelente peixe da agua doce que os ictiólogos filiam na família do salmão. Em S.-Paulo lhe chamam *curimbatá* (Valdomiro Silveira, «Caboclos», 199); noutros lugares, *curimatá, curumatã, curumatá, crimatã, crimatá, crumatã* e *crumatá.* No português geral são raros êsses casos. Os mais notáveis quo conheço são os de *pintassirgo* (que se diz também *pintassilgo, pintassilga, pintaxilgo, pintexilgo, pintassilvo*) e *alvanel* (que se diz também *alvanéu, alvenel, alvenéu, alvener*).

Em temo de é a locução *em termo de,* sob a influéncia de *em tempo de.*

Se o povo diz *imbição,* por *ambição,* deve ter passado por *embição* (conf. *então* e *antão, entre* e *antre*), se é que não se operou a assimilação do *a* ao *i.*

Em *calvagar* e *Idelfonso,* ocorreu a metátese do *l*, na primeira palavra, da segunda sílaba para a anterior, e, na segunda, inversamente, da primeira sílaba para a seguinte. *Calvagar* é plebeismo, mas *Idelfonso* é pronúncia normal de quem fala desafetadamente.

Metátese interessantíssima é a que se nota no popular *rimão* (*r* brando), por *irmão*, quando depois de palavras terminadas por vogal e que com êle constituam um grupo rítmico: *o-'rimão, meu-'rimão, seu-'rimão.*

Ainda outros casos populares de metátese são *expromentar* e *detreminar* (=ditriminá), que devem datar já da colonização, o que se demonstra pelo obscurecimento dos *ee* de *determinar* e pela manutenção do *i* (que depois passou a *o*, assimilado pelo *m* com que está em contacto), com prejuízo do *e*, em *experimentar*, quando é o contrário o que se verifica na pronúncia comum *expermentar*. São com certeza dois dos diversos casos em que, por ocasião da colonização, havia dubiedade, na mesma palavra, quanto à clareza ou obscurecimento das vogais pretónicas, pois a pronúncia dos mais cultos não é devida à leitura.

Se o povo diz *bornal, versidade, fessor, perar, Bastião, péu!* (embornal, diversidade, professor, esperar, Sebastião, chapéu!), apenas usa de aféreses iguais a muitas outras.

Nas fronteiras do Ceará com Pernambuco, é comum ouvir-se *ficano, correno, rino, pono*, etc., por *ficando, correndo, rindo, pondo*, etc. E' a assimilação do *d* à vogal nasal anterior, tão comum, no gerúndio dos verbos, no dialeto popular de Pernambuco.

Os mais interessantes de todos êsses fatos, porém, são os de anaptixe e encurtamento dos proparoxítonos.

Os ditongos consonantais e os simples encontros de consoantes são ordinàriamente desfeitos, na linguagem popular, pela intercalação de uma vogal, que em regra é idéntica a uma das duas vogais contíguas, principalmente a posterior, ou dela aproximada na escala fonética: *Clemente* > *Quelemente, implicar* > > *impilicar, flor* > *fulô, recluta* > *reculuta, glória* > *gulora, trens* > *teréns, floresta* > *fuloresta, parceiro* > *pariceiro, explicar* > *expilicar*. E' o que se dá com o português geral *fevereiro, caranguejo*, etc.

Sendo o maior número de vocábulos portugueses constituído por paroxítonos, a tendência geral do nosso povo é reduzir os oxítonos e os proparoxíto-

nos à paroxitonia. Em outro trabalho meu, estudei o caso dos oxítonos *(que deu-me, filhoses,* etc.). Aquí, tratarei sòmente dos proparoxítonos. Se as sílabas metatónicas são descobertas e iniciadas por consoante:

a) cai a vogal da postónica e, ao lado da sua consoante, persiste a consoante da final, formando as duas um ditongo, caso seja líquida a segunda: *vibra* (pronúncia familiar, coexistente com *briba,* plebea), *passro, Amerco* (também familiar), *Ciçro* (familiar), *risno;*

b) cai a vogal da postónica, e a consoante da final, caso seja líquida ou sonora oral: *clausa* (cláusula), *passo* (ao pé de *passro), Ciço, sabo* (sábado), *lampa* (lámpada), *relampo* (relámpago). Mas *pílula* passou a *piula,* única evolução possível.

Se as sílabas metatónicas são descobertas, sendo a final constituída por uma vogal sòmente, cai a vogal da postónica: *palaço, ciença, negoço, mistero, colejo, Bonifaço, relojo, impero, poliça, mundiça, interiça* (icterícia).

Se as sílabas metatónicas são apenas vocálicas, o *i* ou *u* da postónica é atraído pela vogal tónica, com a qual se ditonga: *pátio* > *paiio, táboa* > *tauba, estátua* > *estauta, léndea* > *leida* (com o ditongo nasal). Mas pode a vogal deixar de ser atraída, e então cai: *taba* (ao pé de *tauba*).

RITMO

As palavras compostas, algumas derivadas e as de quatro para mais sílabas têm dois e até mais acentos, o primário e secundários os outros, de acôrdo com a ondulação rítmica da frase, binária ou ternária.

Se o composto não forma ainda um só todo fonético, em que se tenham confundido os morfemas, o acento secundário, ou sub-acento, recairá no primeiro elemento, na sílaba que tinha o acento principal, ou acento, simplesmente: *guerra fránco-alemã, rússo-japonesa, hispáno-americana.*

No caso contrário, o sub-acento é em geral determinado pelo acento, de tal modo, que fique uma sílaba acentuada ou sub-acentuada ao lado de uma átona ou, então, de duas átonas: *antèpassado, còmbinação.* No primeiro exemplo, temos o ritmo binário; no segundo, o ternário. Mas pode haver flutuações e dizer-se *àntepassado* e *combìnação*, passando o primeiro a ternário e o segundo a binário. Assim, temos *embèlezar, fabrìcação, rèdondeza; aguardente, livraria, ditadura,* etc.

Os dois ritmos podem concorrer na mesma palavra. Se consonantizarmos o *i* das sílabas *ci-o,* na palavra *constitucionalissimamente,* os sub-acentos recairão nas sílabas *tu* e *li,* e o acento na sílaba *men,* de acôrdo com o ritmo ternário. Mas, se a pronunciarmos naturalmente, dando ao *i* o seu valor próprio de vogal, temos os sub-acentos em *cons, tu, o* e *li,* e o acento em *men,* ficando entre as duas últimas as sílabas átonas *si* e *ma.* A primeira parte do vocábulo obedece ao ritmo binário (até *na)* e a segunda ao ternário.

A segunda das sílabas pretónicas tem tendéncia para ser sub-acentuada, enquanto a primeira tende para átona; mas nem sempre se pode prever a sorte delas. Podem apresentar ou não sub-acentos. Desde, porém, que apareça o primeiro, está êle de acôrdo com o acento na constituição de uma das duas espécies de ritmos. E' o caso de *atabàlhoado.* O sub-acento veio aparecer sòmente na terceira sílaba, estabelecendo-se o ritmo *binário: (ata) bá-lho-á-do.*

A curva rítmica é tão forte, que o acento primitivo pode desaparecer inteiramente, sem se transformar mesmo em sub-acento. No advérbio *infelizmente,* a sílaba *liz,* tónica no adjetivo primitivo, é completamente átona. Pronuncia-se *infìlizmente,* como *fedèralmente.* Daí, *numéro-um, numéro dois, numéro-três,* etc., por *número um,* etc.

Os educados, quando se esmeram, pronunciam *ig-no-ran-te, ad-je-ti-vo, ab-so-lu-to, ad-vo-ga-do,* com sub-acento na primeira sílaba; mas o povo, que dá à consoante da sílaba inicial uma vogal de apoio, diz *abìssoluto, adìvogado* (e *adèvogado), iguìnorante, adìjetivo,* pronúncias que também se notam nas clas-

ses elevadas, quando falam despreocupadamente. Penso que há, aquí, um motivo diferente daquele a que atribuem essa modificação. Se os educados sabem perfeitamente emitir, por exemplo, o *d* de *advogado,* embora seguido de *v,* por que intercalam um *i* e, mais raramente, até um *è?* E' que, creio eu, quando proferimos um polissílabo, emitimos em regra a primeira sílaba em tom normal, plano, como já notei, vindo a alteá-lo sòmente depois. Ora, as palavras em exame começam com sílabas cobertas por consoante imprópria a essa função e seguida de outra consoante, de maneira que a sílaba inicial é longa, e a sua vogal, necessàriamente sub-acentuada, predomina sôbre a seguinte, ainda que nessa procuremos altear a curva. Por isso, tornou-se necessária a anaptixe, que trouxe uma vogal medial em que se elevou a ondulação rítmica. Daí, *àdvérbio* passar a *adivérbio.* Só uma pronúncia quase pedante oferecerá *àdvérbio.*

Como explicar *diá-santo* e o plebeismo *bá-tarde?* Penso que se verificou a mesma tendéncia para a sub-acentuação da segunda sílaba, conservando-se átona a primeira. E' imprescindível esclarecer que o *i* mantém a sua qualidade de vogal. Em *boá-tarde,* caíu posteriormente o *o,* por causa da próclise, se é que não foi absorvido depois de passar a uê *(bwá--tarde),* hipótese não muito provável.

São êsses os casos essenciais do ritmo vocabular; mas alguns fatos de fonética estética e de sintaxe fonética devem ser incluídos neste capítulo, por que são devidos ao ritmo.

A linguagem cantada é sensìvelmente diversa da linguagem falada e muito aproximada, nos seus efeitos, da linguagem gritada dos pregoeiros. Quando cantamos, pronunciamos distintamente os ditongos *ou, ai* e *ei* (*o-u-r-o, l-o-u-r-o; c-a-i-x-a, f-a-i-x-a; p-e-i-x-e, e-i-r-a*), alargamos o *e* aberto seguido de *r* e o *e* fechado seguido de *j* e *x* em ditongos (*quéiro, toléiro; veijo, peijo*), emitimos bem abertas as vogais nasais (*ántes, témpo, queixúme, pínto, pómbo*), tornamos prolata a vogal sôbre que incide o acento tónico (*chôôôro, pááái, agóóóra*) e ditongamos o *a* nasal antes de *j* e *x* (*ãicho, gãicho; larãija, ãijo*). O

povo canta *óndia*, por *onda*, o que às vezes também diz na fala natural, por hiperurbanismo. Nos pregões da rua, que obedecem a um certo ritmo especial, não é raro aparecerem nasais fechadas e é vulgaríssimo um *a* bem fechado: *ói as pãmõia!* (*olha as pamonhas!*), *sorvete de âbâcâaí!*

Muitas vezes, uma alteração fonética, geralmente de ritmo, dá origem a uma alteração sintática. São os fatos de sintaxe fonética, para os quais tenho chamado a atenção dos estudiosos, nas minhas «Cirandas Infantís». O povo diz *dai-me Deus paciência, dai-me boa sorte a Virgem Santíssima*, por que a pressa da pronúncia desfez os grupos rítmicos naturais, suprimiu a pausa que antecede o vocativo, dando-lhe aspecto de sujeito; daí, aparecer o artigo antes de *Virgem Santíssima*. Como êsse, há outros fatos de alto interêsse para o filólogo, alguns dos quais o leitor encontrará devidamente explanados na obra citada.

FONÉTICA SINTÁTICA

Eu poderia ter deixado para êste capítulo diversos fatos já estudados nos anteriores, pois que as variações fonéticas que aí se notam foram determinadas pelas relações sintáticas em que estava o termo modificado com as outras palavras da frase: *ferroi*, por *ferrolho*, em *o ferroi da porta; quéra-Deus!*, por *queira Deus; bõ-noite, bó-tarde* e *bá-tarde, numéro-nove, diá-santo, a-i-agua*, etc.

Estudarei aquí fatos novos.

O imperativo conjuntival *deixe*, seguido do infinitivo *estar*, perdeu o *e* final, dando *deix'estar*. Ocorreu nessa modalidade a síncope do *e* protonico e a consequente simplificação dos fonemas reversos: *deistar=dextar*. Paralelo a *deistar*, que foi tomado como um infinitivo de função imperativa, formou-se (e agora já o caso não é de fonética sintática, mas de sintaxe fonética), formou-se o imperfeito do con-

juntivo *deistasse: êle mandou dizer que deistasse, que êle mesmo queria ir.*

Fato semelhante ao de *deix'estar* é o de *parés--que,* por *parece que,* e semelhante a êste é o de *dis--que,* por *diz que.* Emprega-se até o substantivo composto *disque-disque,* significando *boato.*

Temos uma moeda de cobre do valor de *dez réis,* a que chamamos *derréis* (*um derréis, dois derréis, três derréis,* etc.), com a assimilação do *z* ao *r.*

De *que é dêle,* fizemos, entre outras variantes, *quèdê* e *cadê,* com a deglutinação do *ê* de *êle.*

Não, proclítico, transforma-o o nosso povo em *num,* e até *no,* como antigamente: *num quero, no vou.* Daí, *n'é?,* por *não é?.*

Empregamos a palavra *unha* quase sempre no plural. Só nos servimos do singular, quando há necessidade imperiosa. Dizemos *as unhas do cão, as unhas do gato, as unhas dêle estão crescidas.* Daí, o verbo *asunhar* ou *zunhar,* de tal uso em tôdas as camadas sociais, que quase não conhecemos *unhar.*

Como, tornando-se proclítico, é pronunciado *cumo,* pelo povo: *eu sou cumo êle.* Dizem ainda *cuma,* forma em que eu vejo o *como a* do antigo português (*se eu fôsse como a ti*), que explico por meio de um cruzamento com *igual a: como tu + igual a ti = como a ti.*

Dizemos *um tostão, dois-tões, três-tões, quatro tostões, cinco tostões, seis-tões, sete tostões, oito tostões, nove tostões, dez-tões.* Tôdas as vezes, portanto, em que se dava a aproximação de *xt* a *xt* (*dois tostões, três tostões, seis tostões, dez tostões*), operou-se uma haplologia. O mesmo aconteceu, penso eu, em Portugal, pois que igual explicação dá o Dr. Leite de Vasconcelos para *três-tões.* Há também haplologia em *bomba-dinamite,* sem a preposição *de.*

São ainda exemplos de fonética sintática as contrações *do, no, pelo, pra, minh'alma, Tiago, amá-lo, vêem-no,* além de outros.

A preposição sincopada *pra* e a contração *pelo* sugerem-me duas observações, com que darei remate a êste estudo.

Pra chega a reduzir-se a *pa* na boca do povo e contrai-se com o artigo *o* em *prao* e *pro* e com o artigo *a* em *prà* (popularmente, também *po* e *pà*).

A contração *pelo* está, no dialeto rústico, passando a substituir a preposição *por*, quando se lhe seguem os artigos: *eu vou pel'o mundo, anda pel'a rua, comprei pel'um tostão, dou um tostão pel'ua* (*u* nasal) *manga.*